

JUANA INÉS DE LA CRUZ

“MEU ÚNICO PECADO É SER MULHER”

Eduardo Pinho Monteiro*, Beatriz Jorge* e Sónia Azenha*

Juana Inés de Asbaje e Ramirez de Santillana Gonzáles e Espanha, nasceu a 12 de novembro de 1651, em San Miguel Nepantla, no México, filha ilegítima de um militar espanhol de nome Pedro Manuel de Asbaje y Vargas Machuca e de Isabel Ramírez de Santillana, uma “criola”, nome dado aos descendentes de espanhóis nascidos no México.

Sem recurso a ensino formal, que por essa altura estava reservado aos homens, Juana aprendeu a ler aos 3 anos, ao observar as aulas de uma das irmãs, tornando-se desde a infância uma ávida leitora e autodidata. Reza a história que terá solicitado à mãe para que a deixasse frequentar a escola disfarçada de rapaz. A recusa por parte da mãe levou a que se refugiasse na biblioteca do avô materno onde pôde desenvolver a sua aptidão pela escrita e aceder a obras que lhe permitiriam desenvolver o seu conhecimento em filosofia, ciências naturais, literatura, música e línguas, algo que a posição social da mulher na Nova Espanha não lhe permitia.

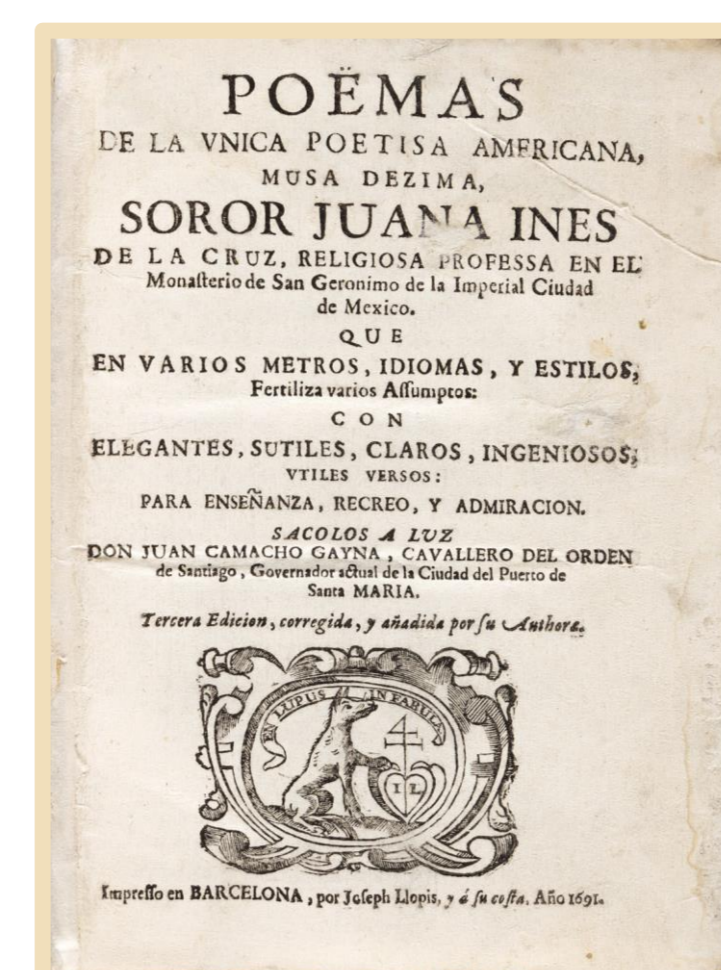
Na Nova Espanha, atual México, o conhecimento estava limitado a três grandes instituições, as Universidades, a Igreja e a Corte. Não admira, portanto, que tendo em conta as pretensões de Juana e a impossibilidade de aceder à Universidade, a família tenha decidido introduzir a jovem no palácio do Vice-Rei Antonio Sebastián de Toledo, onde passou a ser dama de companhia da sua esposa, Dona Leonor Carreto, Marquesa de Mancera. É neste período que escreve o seu primeiro livro que dedicou a “todas as mulheres de meu país e de minha raça”.

Iniciou a vida religiosa no final da adolescência por “não querer ter ocupação obrigatória que atrapalhasse a liberdade do meu estudo, nem rumor da comunidade que impedisse o sossegado silêncio de meus livros” e adotou nessa altura o nome Sórora Juana Inés de la Cruz. No convento de Santa Paula, na Cidade do México, onde viveu de 1669 até à sua morte, estudou, criou a sua obra literária e reuniu uma extensa biblioteca.

A sua fama e as ideias extremamente disruptivas para a época, valeram-lhe fortes críticas, levaram à destruição da sua biblioteca e à proibição de produzir ou estudar escritos não religiosos. Faleceu em 1685, com 43 anos, a prestar socorro a outras irmãs durante uma epidemia.

A MULHER E A OBRA

Juana Inés de la Cruz é considerada um dos expoentes da poesia espanhola do Século XVII. A sua obra poética inclui sonetos, vilanelas e redondilhas num estilo barroco gramaticalmente complexo e com uma profundidade intelectual que lhe permitiu conjugar os seus conhecimentos de teologia, filosofia, mitologia e literatura clássica com problemáticas da sociedade onde se inseria. Além de poesia, redigiu ainda letras para música religiosa e peças de teatro onde deixou apontamentos sobre a vida doméstica da mulher da sua época.



Numa altura em que a Inquisição restringia o acesso às obras literárias e vigiava aquilo que era escrito e publicado, a fama de intelectual de Juana Inés de la Cruz permitiu-lhe corresponder-se com grandes personalidades e beneficiar da amizade e proteção de figuras da alta sociedade. Essa proteção assegurou-lhe acesso a livros vedados pela Inquisição o que a levou a compilar uma biblioteca exemplar no Convento de Santa Paula. Concedeu-lhe também a oportunidade de expandir o seu trabalho intelectual e, pelo menos inicialmente, exprimir a sua opinião sobre os direitos da mulher e criticar o papel do patriarcado.

Uma das figuras que a protegeu foi a Vice-Rainha María Luísa Manrique de Lara y Gonzaga, condessa de Paredes, esposa da maior autoridade da colónia entre 1680 e 1686. Foi graças à Vice-Rainha que uma das obras mais emblemáticas de Juana Inés de la Cruz, *Inundación Castálida*, foi publicada e divulgada na capital do Império Espanhol em 1689.

Um dos momentos marcantes da vida de Juana Inés de la Cruz foi a escrita da Carta Atenagórica, uma crítica ao Sermão do Mandato da Capela Real de Lisboa do Padre António Vieira. Esta crítica, que lhe havia sido encomendada e não seria para divulgação, foi publicada pelo Bispo de Puebla sob o pseudónimo de “Sórora Filotea de la Cruz” sem o seu consentimento. Achando-se injustiçada, Juana de la Cruz escreveu uma resposta ao Bispo que ficou conhecida como “Resposta a Sórora Filotea de la Cruz”. Neste texto, que viria a ser considerado um marco na defesa dos direitos das mulheres, a autora defende o direito à instrução e ao trabalho intelectual das

Eu não leio para ser mais inteligente,
Eu leio para ignorar um pouco menos.
Eu não leio para ser uma pessoa mais complexa,
Eu leio para ser mais simples.
Eu não leio para enriquecer meu vocabulário,
Eu leio para me endividar com a minha língua.
Eu não leio centenas de livros,
Eu leio muitas vezes os mesmos.
Eu não leio para me sentir realizada,
Eu leio o que me realiza para me sentir.
Eu não leio para dizer que leio,
Eu leio para ouvir outras vozes no meu silêncio.
Eu não leio para esquecer a realidade,
Eu leio para transformar a minha.
Eu não leio para me transportar para outras histórias,
Eu leio para que outras histórias sejam parte da minha.
Eu não leio para julgar o que os outros leem,
Eu leio para questionar o que eu leio.
Eu não leio para que os outros acreditem mais em mim,
Eu leio para ser melhor que eu mesma.
Eu não leio para que eu venha a ser uma pessoa melhor,
Eu simplesmente leio porque leio.

mulheres, que dessa forma poderiam melhor servir Deus e a sociedade.

As suas ideias de pendor feminista, o conteúdo da sua coleção literária e, acima de tudo, o seu brilhantismo intelectual invejado por muitos dos homens da sua época, levaram a que fosse forçada a destruir a sua biblioteca e a que se visse condenada a passar os últimos anos de vida em reclusão no convento.

UMA CRÍTICA FEMINISTA

A crítica feminista enfatiza a experiência sociocultural da mulher como determinante da sua produção literária e afirma que só compreendendo o espaço que a mulher ocupa na sociedade podemos realmente perceber a sua obra.

O trabalho de Juana Inés de la Cruz pode ser considerado como um momento histórico de inauguração do pensamento feminista. Ao longo da vida e da obra da autora é possível identificar ideias pioneiras de defesa dos direitos civis e intelectuais da mulher, bem como perceber como a luta por tais ideias foi desde o início sofrida em primeira mão e revestida de idiosincrasias. Essas idiosincrasias estão talvez patentes como em poucas outras personagens históricas na figura paradoxal de uma mulher de raízes humildes, que se tornou religiosa e privou com a alta sociedade da sua época pela força das suas capacidades intelectuais.

BIBLIOGRAFIA

- Gabriel, R. (2018, January 19). *Sor Juana Inés de la Cruz, uma feminista barroca*. Epoca Globo. <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/01/sor-juana-ines-de-la-cruz-uma-feminista-barroca.html>
- Lopes, A., & da Silva, A. (2018). Precursora da crítica feminista? Quem foi Juana Inés de la Cruz? *Revista Travessias*, 12(4).
- P., L. (2017, July 11). *Não há prisão para a alma: a história de Sórora Juana Inés de la Cruz*. Valkirias. <https://valkirias.com.br/nao-ha-prisao-para-a-alma-a-historia-de-sor-juana-ines-de-la-cruz/>
- Paz, O. (2017). *Sor Juana Inés de la Cruz ou As armadilhas da fé* (1ª Edição). Ubu Editora.